

ANAIIS DA

Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1899

Preços por assinatura

Para as escolas e subscritoras da Academia de Estudos Livres:

3 números	15 cont.
6 "	30 "
12 "	60 "

Avulso:

3 números	25 cont.
6 "	50 "
12 "	1 cov.

Número avulso — 10 oitavos

SUMMARIO

Cartas insubmissas. pag. 161

Notas d'Arte:

As coleções de instrumentos musicos pag. 164

Questões pedagógicas:

A luta contra o ruido. pag. 168

Conferencias e palestras:

Aspectos monumentaes de Paris pag. 171

Os museus de Paris. pag. 174

Excursões e Visitas:

No mosteiro da Madre de Deus pag. 181

Curso livre de chimica elementar. pag. 184

Bibliografia. " 190

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)

Rua da Paz, 7 e 8. Benta—LISBOA

LAMAS & FRANKLIN

R. LIVRAMENTO, 88, 90—LISBOA

1913

ANAIIS

DA

Academia de Estudos Livres

I	<i>Curso inicial de leitura</i> , por J. Augusto Cordeiro	200	réis
II	<i>O maranhão português através da história</i> , por V. Almeida d'Eça	200	"
III	<i>Da unidade do pensamento ao cyclo das descobertas</i> , por Henrique Lopes de Mendonça	200	"
IV	<i>Uma excursão á secca da Arcebispo (esgotada)</i>	400	"
V	<i>O Castello de Palmella (esgotado)</i>	100	"
VI	<i>Excursão ao Tejo até ao Canal de Azambuja (2.ª edição)</i>	100	"
VII	<i>Excursão á Fabrica de Cimento de Portland Artificial «Tejo», em Alhandra</i>	50	"
VIII	<i>Uma excursão á Santarém — Atravez da cidade — Lisboa</i> , por Jo.º Arruda	200	"
IX	<i>Tri-centenario da publicação de D. Quixote</i> , por Theophilo Braga	200	"
X	<i>No Bussaco (história, paisagem, descrições)</i> , por Cardoso Gonçalves	200	"
XI	<i>O Archivo da Torre do Tombo</i> , contendo 219 paginas, illustrado com fotografuras dos principaes codices illustrados	800	"
XII	<i>Spinoza — Conferencia</i> , por Theophilo Braga	200	"
XIII	<i>O concerto de Mafro</i> , por Cardoso Gonçalves	100	"
XIV	<i>O padre Joaquim Silvestre Serrão e a musica sacra portugueza</i> , por Theophilo Braga	200	"

A MOCIDADE

FOLHA QUINZENAL

Publicadas 2 series (quasi esgotadas)

Cada serie de 10 numeros	500	réis
Numero avulso	50	"

Quaesquer obras publicadas por esta sociedade são enviadas franco de porte a quem remeter a sua importancia para a Academia de Estudos Livres — Rua da Paz, 7 (a S. Bento).

Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1969

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)

Rua da Paz, 7 a S. Bento—LISBOA

Composição e impressão—TYPOGRAPHIA LIBERTY—Rua do Lívramento, 68 e 70

2.^a SERIE

MAIO A JULHO DE 1913

N.^o 6

CARTAS INSUBMISSAS

IV

Agora, que finalmente se creou o Ministerio de Instrucção, convém talvez discretetar um pouco sobre a ardua missão que lhe cumpre desempenhar.

Quero fazer justiça ás intenções de quem n'essa nova pasta foi investido, e não curo de saber se, conforme insinuam alguns, a nomeação não deveria ter sido tão politica.

Ha que contar com as realidades e bom foi que em todo o caso o ministerio apparecesse.

Pela forma como funcionar logo se verá se se collocam em primeira plana os superiores interesses pedagogicos e a causa sagrada do renascimento nacional pela educação e pelo ensino, ou se apenas se teve em vista tallar mais um logar de representação burocratica e de influencia partidaria que hoje servirá as conveniências do grupo B e amanhã passará a servir as do grupo C.

Por mim repugna-me acreditar que, em plena vigencia da Republica e para tirocinio da democracia, se recorra aos velhos precedentes seguidos, e que, precisamente pelo que respeita a esta pasta, tão triste recordação evocam, sobretudo da ultima vez que n'ella pensaram os que exclusivamente tiveram em mira fazer politica estreita.

Assim prefiro suppor que independentemente do cunho partidario que incontestavelmente tem o actual ministro, elle de pré-

ferencia se lembrará sempre de que é professor d'uma Escola Superior e de que pôde envolver o seu nome n'uma aureola mais refulgente, operando uma revolução nas materias em que foi chamado a intervir, do que fazendo d'ellas outros tantos elementos de corrupção ou de predominio.

Até agora, porém, ordena a verdade que se diga que o novo ministro tem manifestado uma curiosidade sympathica e um desejo louvavel de se affirmar pelo bom lado, e as visitas successivas aos estabelecimentos de ensino e a abertura de concurso para professores de escolas moveis recentemente instituidas, fazem nascer esperanças nos corações e despertar enthusiasmos nas intelligencias.

Oxalá de tudo isto alguma coisa resulte de proficuo e de fecundo.

No que, por exemplo, se refere ao modo de ser das escolas moveis, gostaria eu de ver posto em pratica o alvitre suggerido pelo professor dr. Elísio de Campos, — aproveitamento dos pavilhões escolares, que custariam barato, e, sendo facilmente montaveis e desmontaveis, poderiam utilisar-se para missões em todo o paiz.

E como agora o que principalmente urge é atacar com denodo a mancha enorme do analfabetismo nacional, seria talvez occasião de proceder á experiencia da abertura de cursos dominicaes e nocturnos para adultos, — cursos que tivessem por fim o ensino intensivo da leitura e da escrita e serie de palestras elementares da historia e da corografia portuguezas; e podendo ser, logo que as circumstancias o permittissem, palestras civicas e principios demonstrativos de pratica agricola ou das industrias locais das regiões onde fossem sendo installados os pavilhões escolares.

Os especialistas seriam ouvidos sobre a maneira mais proveitosa e mais rapida de organizar esses cursos, ou series de lições ou palestras, e sobre as materias que n'elles se ministrariam. Porventura conviria chamar, a este novo typo de ensino elementar primario destinado á gente grande de ambos os sexos, todos quantos do coração estivessem dispostos a coadjuvar o Estado na obra benemerita de arrotear no menor periodo possivel a vasta charneca da ignorancia de milhares de almas.

Para meditar, lembro-se valeria a pena convidar os proprios candidatos do ensino superior, os seus assistentes, os seus lentes substitutos e toda a gente nova que por ali apodrece com cartas de curso nos canudos de folha, a enfileirarem n'esta legião do *a b c*, sem se preoccuparem com os pergaminhos ou sem se suporem diminuidos em suas categorias, porque em lugar de irem prelecionar perante a pretendida *élite* da nação, iam catechisar miseros e desvalidos labrostes perdidos nos valles ou nas serras que d'essa nação fazem parte.

Um grande espirito já algures escreveu que nunca se sabe de mais para ensinar a creanças; ora os ignorantes, mesmo adultos, são creanças grandes, além de que creio que não deslustra, nem mesmo o mais qualificado sabão, o levar um feixe de luz onde a escuridão existir.

Ahi tem o sr. ministro da instrucção uma campanha digna de solicitar as atenções do seu culto espirito e de pôr em acção a energia da sua vontade.

Pretendem varios que a reforma do nosso ensino deve principiar por cima, e que enquanto novas escolas normaes não prepararem convenientemente novos professores, o analfabetismo continuará, mudando apenas de signal.

Sem contestar em absoluto uma tal affirmativa, permitto-me objectar que no caso especialissimo em que nos encontramos, e dado o largo espaço de tempo que a monarchia criminosamente deixou perder, descurando a principal obrigação que tinha a cumprir:—ensinar o paiz a ler e a trabalhar—o problema carece de ser atacado simultaneamente por todos os lados, mas ainda com maior intensidade pelas camadas inferiores a que é mister acudir, porque ellas estão privadas de cultura ethica e esthetica, e não só não sabem ler, mas *sentem* mal e *pensam* peor, tirante, é claro, as excepções que sempre ha, e as cerebrações claras e até superiores de muitos leigos, que tantas vezes valem mais que centos de diplomados.

Sómente um povo não pôde contar apenas com as suas excepções em qualquer campo, e muito menos no campo do ensino, pois d'este é que hão de sair em globo as unidades que constante e periodicamente renovam as massas que vão seguindo a civilisação — ou a vão creando.

Confusa, mas muito sentidamente deixo exposto um ponto de vista que mais de perto prende com o immediato funcionamento do novo ministerio de instrucção; oxalá que ou este ou qualquer que com elle denote afinidades, seja estudado e sobretudo seja realiado.

AFFONSO VARGAS.

NOTAS D'ARTE

As coleções de Instrumentos musicos

Com este titulo acaba o sr. Michel'Angelo Lambertini de publicar um interessante opusculo de 22 paginas, que lemos com o maior interesse.

No seu trabalho compara o sr. Lambertini o que lá por fóra se tem feito neste interessante capitulo com a semcerimonia e ingenuo arbitrio do Estado portuguez, pondo de lado as boas vontades que se oferecem.

Com larga copia de informações, o sr. Lambertini vae dizendo-nos como a idéa de colecionar instrumentos musicos vem de muito longe, havendo já no meado do seculo XVI um velho escritor italiano, Saba de Castiglione, que se refere ao «uso de adornar o interior dos palacios com orgãos, cravos, monocórdios, salterios, docainas, baldosas, &c., citando tambem, pelo seu valor decorativo, os alaudes, violas, liras, flautas, cornetas, trombetas, cornamusas, dianoris e trombones. E acrescenta: *Os instrumentos de musica encantam os ouvidos e recreiam o espirito; mas, quando trabalhados por mão de mestres, tambem servem de regalo aos olhos.*»

No século XVI e nos dois seguintes «a ornamentação dos instrumentos musicos atingiu proporções de inigualavel riqueza». A espineta de Annibale del Rossi, exposta no *Kensington* de Londres, é sumptuosa. Está literalmente coberta de pedras preciosas! No século XVIII os cravos e espinetas são pintados por artistas como Watteau, Oudry, Coypel, Van der Meulen, Audran... «Outras tem a caixa em laca da China, com os pés trabalhados por Boule *pae*, outras ainda são pintadas a verniz Martin com bronzes dourados a ouro moído.» No paço das Necessidades ha um delicioso violino de faiança e existe outro na coleção Keit.

«As musetas, que gozaram os favores da moda no terceiro quartel do século XVIII, tinham sacos de sedas caras, com rendas e bordados dos mais ricos.»

Depois o sr. Lambertini fala-nos com enthusiasmo das mais ricas coleções de que ha memoria, desde, no século XV e seguintes, a de Jacques Duchie, a de Afonso II d'Este, em Ferrara, a do archiduque Fernando do Tyrol, sobrinho de Carlos V, a de Pedro de Medicis, a de Manfredo de Spetala, a do *signor* Contarini procurador da nobre Republica de S. Marcos, até ao mais belo e variado gabinete organografico do século XVIII, de Fernando de Medicis, filho do gran-duque da Toscana, Cosme II.

«O amor e enthusiasmo pelas coleções musicaes atinge a sua maxima intensidade no século XIX. Não ha paiz algum que não queira ter pelo menos um muzeu de instrumentos musicos e os proprios colecionadores particulares multiplicam-se por toda a parte, especializando-se umas vezes nos preciosos especimens da violaria italiana dos seculos XVII e XVIII, outras vezes nos instrumentos musicos de qualquer epoca, mas sob o ponto de vista de *biblot d'arte*.»

Refere-se em seguida o sr. Lambertini ao Muzeu Instrumental de Bruxelas, iniciado com os 74 instrumentos da coleção Fé-tis, ao Muzeu de Paris, ao do *South Kensington Museum*, de Londres, ao Muzeu de Milão, etc., etc.

Por toda a parte se manifesta o mesmo empenho em colecionar instrumentos musicos; só no nosso paiz, em face do oferecimento generoso do sr. Lambertini, o Estado teve este procedimento: «Não somente mandou vender a preço irrisorio os instrumentos mais ou menos valiosos que se encontravam nos últi-

mos conventos extinctos, mas negou todo o auxilio a quem os pretendia reunir em proveito do Estado e fez dispersar por fim os que se haviam coligido com infinito trabalho e sacrificio.» Depois de se referir á sua coleção, á de Antonio Lamas e á de Alfredo Keil, preconizando o dever do Estado de adquirir esta ultima, o illustre artista termina com estas palavras o seu valioso trabalho:

«Se alguma dedução se pôde tirar destas desataviadas linhas, é que a colerionação de instrumentos e accessorios de musica não constitue precisamente uma *mania esporadica*, sem explicação nem precedentes. Em Portugal, paiz lastimavelmente atrazado em assuntos d'arte em geral, e nos musicaes em particular, ha ainda quem julgue assim. É mister destruir a lenda... Se se conjugarem todas as boas vontades e todas as competencias no sentido de reunir o que ainda se encontra em Portugal em materia de instrumentos e accessorios musicos, tanto antigos como modernos, é fóra de duvida que o nosso paiz pôde ainda enriquecer-se com um novo muzeu e dos mais interessantes. Unamo-nos pois, todos os que compreendemos o supremo alcance dessa missão, no que ella tem de patriótico e de artistico, unamo-nos todos para salvar da indifferença do vulgo, da cobiça do estrangeiro e da inconsciencia dos governos, esses poucos valores d'arte que ainda nos restam».

Ocupámo-nos no anterior numero dos *Anais* da extranha contradição do Estado no procedimento para com o sr. Lambertini, dando como uma mão e tirando com a outra. . . Proceder que apenas os que estão no segredo dos deuses, saberão explicar. A nós só compete registar o facto e dele tirar o possível ensinamento, o qual, segundo parece, vem a ser: em Portugal a arte é ainda considerada um objecto de luxo, que só raros podem oferecer-se. Em Portugal ainda não se considera a Arte como um valor social...

Num numero especial, dedicado pela revista *Dionysos* a Riccardo Wagner, comemorando o 1.º centenario do nascimento deste genio musical e poetico, escreve o sr. Antonio Arroyo no fecho do seu artigo sobre o *drama musical*:

«Sem ella (a arte) não ha vida social possível; exprime senti-

mentos, transmite-os e fecunda-os por seu turno; constitue portanto o laço mais energico de união entre os homens.»

Estas palavras resumem tudo o que pensamos sobre o assunto: *Para nós a Arte é uma religião.*

A proposito desejamos narrar uma anedota pessoal:

Lembramo-nos do tempo em que eramos frequentador assiduo do *galinheiro* de S. Carlos. Rara era a noite de espectáculo em que não fazíamos milagres de astucia para conseguir um lugar na primeira bancada. Neste ponto ficou celebre a campanha da *primeira* da D. Branca de Alfredo Keil. Nesse dia, notavel para a arte nacional, jantámos mais cedo e corremos quanto a perna aleijada o podia permitir rua Serpa Pinto acima, na esperança de ser o primeiro a chegar á méta, que era á porta do *galinheiro*, tão conhecida dos amadores daquelle tempo... Já lá encontrámos outro, ainda mais apressado! Eram 16 horas... Naquella noite o espectáculo acabou ás 4 da manhã.

Claro que esta *mania* não passava sem reparo em casa. Quantas vezes não nos censurava docemente quem o podia fazer dizendo que era demais, que assim não davamos atenção aos outros assuntos da vida!... E recordamo-nos de que uma vez, num irremovível desabafo, nos saímos com esta:

—Pois fique sabendo: para mim *ir a S. Carlos* é como para os outros *ir d. missa*...

Eis a razão porque nos interessamos pela criação do Museu de instrumentos musicos. Basta ser uma questão de alto valor educativo e estético.

Se é certo que o terramoto de 1755, de sinistra memoria, subverteu muitas das nossas preciosidades, é certo também que outros *terramotos sociais*, após aquelle, não têm sido menos funestos nas suas consequências para a arte nacional. Ha uma unica e importante differença a assignalar: é que os estragos causados por estes ultimos *fenomenos* são por vezes reparáveis. E valha-nos a esperança de que algum dia os nossos estadistas hão de arripiar caminho e dar á *Arte* aquillo que ella tem direito de exigir.

Se todos nos unirmos neste pensamento é possível que vencamos a campanha.

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

A luta contra o ruído

Na revista *Les documents du Progrès* lêmos um interessante artigo do dr. Teodoro Lessing, cuja sumula nos apressámos a transmitir aos nossos leitores, certos de que lhe trazemos alguma coisa de novo e de proveitoso, muito para meditar.

Trata-se do progresso da luta contra o ruído inútil. No ano findo, em 14 de agosto, reuniram-se em Londres em 1.^a conferência os representantes da Associação Internacional contra o ruído inútil. Atualmente este movimento tem tres centros principais: na America do Norte, na *Society against unnecessary noise*; em Londres, na *Londoner Betterment Association*; na Alemanha, onde existe desde 1908 uma associação *Anti-lärm-Verein* para o mesmo fim.

A luta contra o ruído deve fatalmente tomar mais intensidade á medida que a população aumentar nas grandes cidades e capitães. Em 1800 havia no globo terrestre 950 milhões de habitantes; em 1900 aumentava o numero para 1570. Só na Europa o crescimento foi de 335 milhões (em 1800 a população era de 175 milhões; em 1900, de 510 milhões). Em 100 anos o numero de europeus triplicou. Se este crescimento se mantiver haverá em mil anos, e em relação a toda a superficie da terra, um europeu para cada metro quadrado. Se fizermos entrar em linha de conta os habitantes das outras partes do mundo, no período indicado a cada habitante da Terra caberá o espaço dum centimetro quadrado!

Parece isto absurdo e, contudo, agora mesmo, o absurdo é excedido pela realidade, porque, ao passo que existem imensos terrenos desertos (na Australia e na America do Sul por exemplo) millhares de homens habitam nas grandes capitães por cima uns dos outros numa superficie dalguns metros quadrados. Ora o

ruido é, psicologicamente, a expressão da *vontade de potencia*. Na imagem do ruido encontramos sempre, sob uma outra forma, a vontade de existir e de nos defendermos. O agravamento da luta pela vida pelo aumento da população deve pois trazer um recrudescimento de ruido.

Mas o ruido é ainda um excitante como o opio, o alcool e a musica. Fazemos barulho para nos aturdirmos, para esquecermos as misérias e as dores da vida. O ruido dá prazer e por isso nunca chegaremos a eliminá-lo por completo do mundo. Não atravessam agora as ruas de Lisboa automoveis businando sem necessidade, desalmadamente, os transeuntes, tocando compassos de operas populares nas cornetas *ad hoc* harmonisadas ou soltando silvos de sereia, pela calada da noite, nas ruas solitarias?

Podemos, porém, imaginar meios para atenuar este mal que é uma das principaes causas da neurastenia. A neurastenia progride inquietadoramente, invalidando até as populações do campo. É que, para satisfazer as exigencias intellectuaes e sensoriaes da vida moderna, são necessarios, cada vez mais, nervos duma delicadeza e sensibilidade extremas. Torna-se pois uma questão de hygiene social a luta contra o ruido inutil.

Um dos meios, usados já, é o estabelecimento de *zonas calmas* em torno dos hospitaes, dos sanatorios, das escolas. Na America existem letreiros nas esquinas das ruas situadas naquelas zonas, advertindo os cocheiros de que tem de levar a passo os carros e os guardas-freios dos electricos de que não podem tocar a campainha de alarme. Em Londres existe tambem esta innovação.

Um outro progresso consiste em suprimir o barulho, (principalmente nos bairros operarios) que as creanças fazem quando brincam nas ruas. Em New-York o celebre e falecido humorista Mark Twain organisou uma brigada de 6.000 alunos das escolas primarias e a cada um distribuiu uma pequena placa para pôr ao peito, trazendo como inscrição a palavra: *Humanity*. Estas creanças obrigaram-se a não brincarem nos passeios das ruas e a fazelo apenas nos logares reservados especialmente para os jogos infantis e formaram entre si uma policia para evitar o barulho nas proximidades das escolas e hospitaes.

O autor do curioso artigo que estamos seguindo, imaginou, no que diz respeito ás habitações, a *lista azul*, na qual se inscre-

vem todos os membros da Liga contra o ruído inútil, que se obrigam a manter o socego em suas casas. Essas listas são enviadas aos editores de *guias*, que se obrigam por seu turno a marcarem com um signal especial os hotéis onde se pôde encontrar o socego desejado.

Agita-se também a questão dos pavimentos das ruas. Recentemente experimentou-se em Londres o pavimento de cautchouc e em Birmingham o pavimento de coiro.

Um outro capitulo especial é o da circulação dos automoveis. Em Londres, no ano passado, appareceram já os *autobus* silenciosos.

Graças aos progressos consideraveis da technica nos ultimos anos, é possível construir casas refratarias ao ruído. O dr. Swaar Demaaker construiu no Instituto Fisiologico de Utrecht uma *camara* impenetravel ás ondas sonoras. Uma outra inovação é a dos *dormitorios e logares de repouso publicos impermeaveis ao ruído*, descritos pelo dr. Robert Sommer: são pequenos estabelecimentos, construidos em certas cidades, que permitem a qualquer pessoa, no centro de maior circulação, e portanto mais ruidoso, gozar dalgumas horas dum bom sono mediante uma pequena quantia.

Pelo que transcrevemos avaliará o leitor da importancia pedagogica do problema, que lá fóra está sendo estudado com tanta persistencia e interesse.

Ficámos sabendo que o ruído dos grandes centros de civilização é uma das mais importantes causas de neurastenia — esse mal devastador, que tanto afflige a pobre humanidade e contribue para a sua degenerescencia. Devemos, pois, ligar ao assunto a importancia que realmente tem.

Nesta altura, e como remate, devemos-nos lembrar de que, entre nós, a questão nem sequer foi ainda posta. Para as nossas escolas primarias não se escolhem sitios socegados, mas o *que calha*. Não ha critério algum preestabelecido. Por exemplo: no predio que habitamos, numa das ruas de maior transito da capital, ha no primeiro andar uma escola central para o sexo feminino. Em certas ocasiões nas aulas quasi não se ouvem as professoras, tamanho é o barulho que vem de fóra! E assim estamos contribuindo para o abastardamento da nossa raça.

CONFERENCIAS E PALESTRAS

Aspétes monumentaes de Paris ⁽¹⁾

Ha uns cinco mezes fui surpreendido pelo honroso convite, feito pela illustre direcção da Academia de Estudos Livres, para aceitar e dirigir artisticamente uma futura visita ás capitaes da Hespanha e da França.

Muito grato a esse convite agradei, mas ponderando o muito estudo e responsabilidade moral que o encargo me trazia, comecei por não aceitar, isto sem falsa modestia, e alvitrei que em qualquer daquelas grandes cidades se encontraria quem com mais conhecimento delas assumisse a direcção das visitas.

Não fui atendido, antes pelo contrario os dignos directores da Academia instaram para não recusar, o que fiz e assim esta desprezenciosa conferencia, ou antes singela palestra, tem por fim orientar já um tanto essa futura visita, á qual dedicarei a minha melhor vontade, para leva-la a bom fim na parte que me diz respeito; sendo necessario, porém, que, da parte das pessoas que constituírem a excursão, haja tambem uma maior benevolencia para desculpar as faltas em que eu porventura incorrer.

Como V. Ex.^{as} sabem e eu já disse, a excursão era complexa, por se visitarem a seguir as cidades de Madrid e de Paris; por dificuldades supervenientes de transportes em caminho de ferro, a direcção resolveu adiar, porém, para mais tarde a visita da Academia á capital da Hespanha, devendo portanto agora realisar-se apenas a excursão á prodigiosa cidade de Paris, á *ville lumière*, no belo dizer do sublime Victor Hugo.

Permitam-me V. Ex.^{as} que abra aqui um parentesis para lhes

(1) Preambulo da conferencia preparatoria da 2.^a visita a Paris em Setembro de 1913, realisada em 29 de Junho de 1913.

dizer que, quando a ocasião se offereça, não deve deixar a direção de realisar a visita á soberba cidade de Madrid, bela capital em que ha muito que ver e estudar, principalmente no campo das manifestações de arte, como pude observar numa vizita que ali fiz ha pouco mais de um ano.

Nós, portuguezes, temos alguma prevenção com respeito á Hespanha e razões historicas a justificam, de maneira que a desconhecemos bastante, sendo curioso que conheçamos melhor as civilisações além dos Pyreneus, do que a da vizinha nação de leste. De aqui por vezes vão grupos até Badajoz a assistir ás touradas e ás feiras de Sevilha um ou outro lá concorre, mas ir até Madrid e apreciar a sua grande arte, raro é o portuguez que o faz; pois tenho o prazer de afirmar que uma intelligente visita feita áquella capital é altamente educativa, visto que no campo artistico, não me refiro a outros, tem os hespanhoes notavel avanço sobre nós.

Bom é que diga a V. Ex.^a que na architectura, embora a tenham lá notavelmente abundante, não temos que lhe invejar, possuindo nós a Batalha, os Jeronymos e Mafra, entre outros notaveis edificios. Na escultura, aliás numerosa em Madrid, não vi lá monumento que se compare ao do nosso D. José I no Terreiro do Paço, mas na pintura ficamos muito distanciados e é vendo os famosos museus do Prado e dos Recoletos, que encerram o escol da antiga e da moderna pintura hespanhola, que se nota a sua supremacia, que se salienta mesmo entre a de outras cultas nacionalidades europeias; além de que tambem em varios edificios d'aquella capital os seus interiores são revestidos de maravilhosa pintura mural de um effeito surpreendente.

Para mais acresce que proximo a Madrid, a umas poucas leguas para o norte e para o sul, ficam o mosteiro do Escorial e a historica cidade de Toledo, que o Tejo banha, que são tambem localidades dignas de admiração, o que n'uma visita da Academia dirigida quer por mim, quer por pessoa mais competente, se poderá verificar.

Encerrado este parentesis, entro no assumto da palestra, que foi ostentosamente intitulada *Aspêtos monumentaes de Paris*.

V. Ex.^a hão de convir que seria ocioso da minha parte fazer aqui o elogio das belezas artisticas de Paris, que só nas de Roma

encontra rival, da cidade surpreendente que encerra nos seus monumentos e dentro dos mesmos monumentos verdadeiros tesouros artisticos; da cidade pela qual todos nós sentimos, mesmo desconhecendo-a, instintiva admiração, por tanta vez a ouvirmos citar com louvor desde novos.

Assim é; desde ha muito, desde a época de Luiz XIV, ou seja desde os fins do seculo XVII, que a França e em especial a sua famosa capital, são o alvo da atenção do mundo, quer pelos seus arrojados actos politicos e militares, quer pelos seus preciosos monumentos artisticos e literarios; repetindo assim Paris, nos tempos modernos, o prestigio que tiveram em tempos idos a Roma antiga e a desaparecida Babilonia e mesmo até em maior escala, visto o mundo conhecido de então ser muito mais restrito.

Exerce portanto inegavelmente uma decisiva atracção a protentosa Paris, pois das varias nações da Europa, da America e até das Orientaes, concorrem as multidões a visital-a e a admirar o conjunto de maravilhas creadas pelo genio francês numa persistente labuta de successivos seculos, num dispendio colossal de talento e de numerário — ofuscando pela comparação com o seu brillantismo outras capitães e grandes cidades da Europa.

Minhas Senhoras e meus Senhores: Como prévio esclarecimento devo dizer a V. Ex.^{as} que seria necessario possuir em dotes de eloquencia e de oratoria excepcionaes para vos poder dar pela palavra uma idéa dos aspectos monumentaes da capital da França. Como os não possuo, serão as projecções luminosas de alguns d'esses monumentos, que ides vêr, quem vos patenteará praticamente a sua soberba estética; por meu lado limitar-me-ei a comental-os dando-vos alguns esclarecimentos sobre o estilo a que obedecem.

Na qualidade de director artistico da futura excursão devo naturalmente dar-lhe a orientação, e assim afigurou-se-me que seria interessante e instrutivo aproveitar esta conferencia para fixar, desde já, qual a localisação e época em que os varios palacios, templos e estatuas parisienses fôram levantados, visto nesta occasião só tratar da parte monumental, ao ar livre, reservando para uma outra palestra referir-me, auxiliando-me tambem de identicas projecções, a aspectos de arte existentes no interior de alguns museus, templos e outras notaveis edificações de que

nesta só verêmos pelo seu lado exterior; isto alem de vermos alguns dos soberbos e pitorescos aspetos de jardins e parques e outros pontos de notavel perspectiva.

Para me auxiliar a narrativa e dar-vos uma idéa aproximada da localisação dos variados monumentos de Paris, esbocei em grande um mapa da cidade, uma elementar ampliação em que o local dêsses monumentos está marcado a vermelho, os parques e jardins a verde, e as principaes avenidas e boulevards a branco, afóra outras indicações.

Num rapido descriptivo historico farei notar a V. Ex.^{sa} o apparecimento progressivo dos principaes monumentos da protentosa cidade, o que a meu vêr servirá de base orientadora da projectada visita, a segunda que a Academia realiza, servindo isto tanto ás pessoas presentes, que forem na excursão, como tambem ás que não possam lá ir por ora, pois numa ou noutra época da vida chega a occasião de se visitar a decantada Paris, como me succedeu pessoalmente, pois desejando desde os vinte anos visitá-la, só perto dos quarenta me foi dado o percorrel-a, aliás numa escassa semana, visita de que guardo na memoria gratas e indeleveis recordações, que espero me auxiliarão um tanto a cumprir a honrosissima tarefa, para que fui convidado.

Dados estes esclarecimentos em forma de preambulo, começo agora propriamente o assunto pela ordem que acabo de referir a V. Ex.^{sa}

RIBEIRO CHRISTINO

Os museus de Paris ⁽¹⁾

Esta segunda conferencia tem por fim apresentar alguns breves esclarecimentos acerca das valiosissimas coleções artisticas existentes nos museus da capital da França e de aspetos

(1) 2.^a conferencia preparatoria da 2.^a visita a Paris em Setembro de 1913, realisada em 27 de Julho de 1913.

interiores de alguns palácios e templos daquela cidade, para acompanharem a exhibição de excelentes fotografias em projeções luminosas, como identicamente se fez na anterior conferência de 27 de junho.

Nessa foram principalmente os aspectos monumentaes e pitorescos de Paris, num passeio de orientação, que tive em vista patentear-vos, tendo esboçado um mapa da grande cidade para melhor compreensão dos respectivos locais, o qual ainda pôde ser utilisavel nesta desataviada palestra.

Seguindo a ordem como as projeções serão apresentadas, e divididas em duas series, será dedicada a primeira a varios museus e a segunda a alguns templos parisienses. É o grandioso *Hotel de Ville* de Paris, ou o palacio municipal daquela famosa cidade, o primeiro a fixar a vossa attenção e sobre o historico do qual já anteriormente fiz sucinta descripção, que resumo dizendo que, tendo sido fundado pelo preboste Etienne Marcel no seculo XIV com o nome de Casa dos Pilares, foi restaurado no seculo XVI pelo architecto italiano Domingos Bocadôr; mais tarde, em principio do seculo XIX foi muito ampliado pelo architecto Godde ficando com uma frente de cento e cincoenta metros e completamente isolado de outras construções. Queimado em 1871 durante o delirio da Comuna, com muitos outros magnificos edificios foi reconstruido depois pelo architecto Ballu auxiliado por outros entre os quaes Luiz Monteiro, illustre director da Escola de Belas Artes de Lisbon.

Recordando a sua soberba fachada, as projeções mostrarão a sua escada principal e o enorme e riquissimo salão de festas do andar nobre, salão em que todo o Paris official pôde caber nas grandes cerimoniaes festivas. Numa outra importante sala do conselho municipal, vê-se em evidencia um artistico vaso de metal oferta da Russia à cidade de Paris.

Como V. Ex.^{as} sabem, todas as capitães europeias, e Lisboa entre ellas, possuem valiosos museus de belas artes e de arte applicada ou decorativa, a National Gallery, de Londres, o Prado, de Madrid, o Uffizi, de Florença, o Ermitage, de S. Petersburgo e outros de fama mundial, sendo, porém, em Paris que essas colleções tem num assombroso palacio, o primeiro do mundo, como

é o Louvre, — a historica habitação dos antigos reis da França — uma mais abundante e maravilhosa exposição.

Essas varias coleções de arte dos museus europeus têm a vantagem educativa, alem da curiosidade que despertam, de patentear o lento e continuo labôr humano desde o seu apparecimento sobre a Terra, em busca dum ideal de perfeição estetica, no sentido de rodear de beleza o seu viver: é porém exactamente no Muzeu do Louvre que a historia dessa evolução milenar tem a mais notavel e grandiosa exposição, disposta ao longo de salões e galerias de tres pavimentos, com alguns kilometros de extensão.

Para tal se conseguir os governos, os sabios, os artistas e os argentarios francezes capricharam em dotar aquele assombroso Muzeu com exemplares de altissimo valor quer historicos, quer de arte pura

Em resultado de pacientes pesquisas feitas nas regiões orientaes da Turquia, do Egito, na Grecia, admiram-se ali as soberbas coleções dispostas no rez do chão de esculturas da antiguidade, entre as quaes avultam as estatuas e baixos relevos retirados dos restos dos palacios dos reis de Ninive; dos templos e palacios dos faraós egipcios; das ruinas das extintas cidades da antiga Grecia e da Italia do tempo dos Imperadores.

Daquelas extintas civilisações são ás centenas no Muzeu as figurações de atletas, de guerreiros, de deuses do paganismo, de animaes simbólicos, de personagens historicos, etc., etc.

Prendem sobremaneira a atenção de todos os visitantes, pelo que representam de enorme progresso artistico conseguido ha mais de 2.500 anos, as variadas figurações como são os gigantescos touros alados, com rostos humanos feitos de alabastro, que pareciam guardar o rei Sargão e as entradas do seu palacio de Kossabad; a serie dos ricos archeiros de Dario, o rei dos persas, destacados em tijolos esmaltados a côres; as estranhas esfinges e as notaveis estatuas sepulcraes egipcias em pórfiro, representando-as naturalisticamente como eram as personagens em vida; os famosos marmores do Gladiador e os bustos de Imperadores e homens celebres da Roma antiga. Em lugar de honra avultam as mutiladas figuras femininas da Victoria de Samotrácia e da Venus de Milo, a mais alta representação esculpturada da mulher, no epogeu da beleza e da vida.

E' no andar nobre do grandioso e belo Louvre que está disposto o enorme muzeu de pintura, onde se pôde estudar toda a evolução dessa bela arte nas varias epochas e escolas que tem havido desde os primitivos italianos, como Gozoli, Frà Angelico e Boticelli, até aos grandes mestres da Renascença e dos tempos modernos, ou seja do seculo XIII a meio do seculo XIX, pois a pintura e escultura depois dessa epocha figuram no admiravel Muzeu do Luxembourg.

Em longas galerias e vastos salões do Louvre salientam-se os nomes mais afamados da pintura das escolas italiana, hespanhola, flamenga, holandeza e franceza; tendo alguns artistas soberba representação como Rubens, ao qual foi dedicado um salão especial para a sua serie de grandes quadros encomendados pela rainha Maria de Médices; noutro salão especial, o *Salon Carré*, agrupam-se as maravilhas de pintura do Muzeu, produzidas pelos mais diversos pintores e no qual falta infelizmente a mais bela tela de todas, a famosa *Joconda* do sublime Leonardo de Vinci. (1)

E' proximo do *Salon Carré* que existe o maravilhoso *Salão Apolo*, este noutro genero: os tetos foram pintados pelo famoso Le Brun, chefe da escola barôca em França; no sobrado ostenta-se autentica mobilia dos reis Luiz XIV e XV; avultam nas paredes tapeçarias dos Gobelins que se confundem com grandes quadros a óleo e no centro em ampla e resguardada vitrine, entre outras cheias de preciosidades de ourivesaria, acumulam-se as historicas joias da corôa de França, ornadas a pedras preciosas entre as quaes se destacam o Mazarin e o Regente, gêmeas das maiores que se conhecem.

Ainda neste pavimento ocupam muitas grandes salas dos pavilhões do Louvre os milhares de desenhos de grandes mestres, as moedas, as medalhas historicas, os bronzes, a ceramica e vidros antigos. Subindo ao segundo pavimento ou terceiro, contando com o rez-do-chão, ainda ha muito que admirar em pintura dos modernos mestres da escola franceza, além das coleções de

(1) Entre as maravilhas do *Salon Carré* avulta uma das maiores telas conhecidas as *Bodas de Caná* de Veronezo e uma das mais pequenas *A mulher hidropica* de Gerard Dov, e que prova bem que a pintura não se mede aos palmos, como usa dizer-se.

quadros legados ao Estado por colecionadores riquissimos, como Thomy Thierly e Adolfo Rothschild, entre outros.

De todas estas maravilhas accumuladas desde seculos, visto terem tido por base as obras de arte adquiridas desde Francisco I, algumas projeções vos darão uma idéa, assim como dos aspectos das galerias e de algumas obras celebres do Louvre maravilhoso.

A seguir noutras projeções exhibem-se vistas do Museu Cluny, o vetusto mosteiro gotico, edificado proximo aos restos das termas do Imperador Juliano, o qual só por si é um admiravel exemplar d'aquelle estilo; nele se accumulam, belamente dispostos, preciosos objectos de arte retrospectiva, tambem chamada arte applicada ou arte decorativa, nomes sinonimos do mesmo fim, qual é o da ornamentação dos objectos de uso inventados pelo homem.

Em todos os tempos, mesmo no prehistorico, o ser pensante procurou alindar os objetos de seu variado uso e até a sua propria pele com estranhas tataragens, como ainda por atavismo procedem os selvagens.

Notando-se as esculturas das desaparecidas civilizações, vê-se essa tendencia sempre progressiva, o que os adornos, armas e objetos mais ou menos ornados, achados em tumulos seculares e milenares, tem confirmado; assim por esse estudo tem-se hoje conhecimento da maneira de trajar, do mobiliario, dos varios objetos de uso empregados na Antiguidade, pelo que se verifica que alguns povos as artes decorativas atingiram notavel desenvolvimento e até luxo requintado, como na Assiria em que reis e guerreiros são representados tendo as barbas e os cabellos frizados e encanudados como o demonstram as suas esculturas.

É porém desde a Edade Media que inumeros objectos de madeira, metal, tapeçaria, pergaminho, louça, vidro, etc., belamente ornamentada, nos demonstram quanto as artes decorativas, que vemos em museus especiaes, como o de Cluny e em parte do nosso Museu Nacional, eram com esmero cultivadas, esmero e riqueza que sobrelevou durante a Renascença e sua decadencia, sendo muitos desses objectos desenhados ou modelados pelos maiores artistas da epocha.

Seguindo a ordem como as projeções são apresentadas um outro museu parisiense se observará, o Museu Carnavalet ou de

Kernevenoy, de onde procede o nome e que foi construido durante a Renascença segundo plano de Lescot, o extraordinario architecto do velho Louvre, palacio que foi residencia da notavel escritora Madame de Sévigné.

Este curioso palacio foi dedicado ha uns 50 anos pela edillidade de Paris a muzeu historico da cidade. Assim, em seus varios salões do rez do chão e primeiro andar accumulam-se recordações as mais variadas das epochas da grande capital, desde os restos de obras romanas encontrados nas arenas de Lutecia e do tempo das primeiras dinastias até as memorias da épica Revolução Franceza e do período napoleónico. Compreende-se que despertem grande interesse essas reliquias das passadas epochas, dispostas com a arte que os francezes em tudo usam.

O Muzeu do Trocadéro, hoje destinadas as suas galerias lateraes a exposição de architectura comparada, exhibindo em inumeros exemplares reproduções de todos os estilos conhecidos, serviu a princípio para a exposição colonial da França; as projecções tiradas nesse tempo mostram conjuntos da rudimentar arte africana.

Em um outro muzeu, o da Historia Natural, anexo ao Jardim das Plantas, as projecções apresentam aspetos de algumas grandiosas instalações em que avultam nas de Paleontologia os esqueletos de gigantescos animaes anti-diluvianos de um interesse extraordinario.

Fechem a 1.ª serie de projecções alguns aspetos do Muzeu do Luxemburgo onde estão expostas, como disse anteriormente, numerosas obras de arte de escultura e pintura, devidas aos mais notaveis artistas francezes contemporaneos, os mestres por excellencia, com quem de todos os paises vão os estudantes de belas artes aperfeiçoarem-se. É uma maravilha a sua galeria de soberbissimas esculturas, a arte talvez a mais culminante e também a mais tradicional da França, como o demonstram nas cathedraes goticas as suas figurações esculpidas. Nas salas de pintura destacam-se preciosos quadros assignados pelos nomes das maiores celebridades francezas contemporaneas, obras que passado um tempo regulamentar passam a figurar no Louvre em definitiva consagração nacional aos seus autores.

Outros varios muzeus se pôdem visitar em Paris e que fazem

parte do programa da excursão, tal como o *Conservatoire des Arts et Metiers*, um verdadeiro templo do trabalho, e numa antiga igreja disposto, onde toda a produção industrial a mais variada é apresentada pelas obras e por preciosos pequeninos modelos duma exuberancia estonteante, havendo salas só dedicadas a uma especialidade como a dos teares, a das locomotivas, a dos pezos e medidas, etc., etc.

Proximo do Parque de Monceau existe o Museu Cernuchy dedicado a bronzes e louças chinêsas e japonêsas, e proximo ao Trocadéro estão os Museus Galliera e de Guimet, o primeiro em que se podem admirar as famosas tapeçarias francêsas, os Arras, os Dubuyson e os Gobelins e o segundo dedicado às imagens e objetos de culto das religiões da India, China e Japão. Na *Garde Meuble*, como o nome sugere, existe o mais variado e rico mobiliário, desde a Renascença. E' pertencente ao Estado o que nele se contem.

Um outro Museu situado na Praça dos Vosges — o Museu Victor Hugo — atrae quantos são admiradores do insigne poeta e prosador, a maior gloria literaria da França e até do Mundo no século XIX; é enriquecido com as variadas edições da colossal produção daquele genio sublime. Nas paredes vêem-se obras de arte representando personagens e situações de varios poemas e romances de Hugo, retratos, objetos e recordações do poeta, tanto proprios, como os que lhe foram oferecidos nas duas apoteoses que em vida lhe fez o povo de Paris.

Ainda outras coleções de menor importancia mas interessantes se podem vêr como as figuras de cera do Museu Grévin, o Panorama de Roma e outras curiosidades, que sollicitam a attenção e a bolsa dos forasteiros, visitantes da grandiosa e bella cidade de Paris — a *ville lumière* como lhe chamou Victor Hugo.

Disse.

Julho, 1913.

RIBEIRO CHRISTINO

Excursões e Visitas

No Mosteiro da Madre de Deus

No domingo 23 de Fevereiro ultimo realizou a Academia de Estudos Livres uma visita á *Madre de Deus*, dirigida pelo illustre arquiteto sr. Adães Bermudes.

Na escadaria exterior do monumento, perante um auditorio de mais de 200 associados, fez o sr. Adães Bermudes a primeira parte da sua prelecção.

Começou por recordar o que fôra aquele lindo arrabalde da Lisboa antiga—o vale de Enxobregas,—coberto de hortas e laranjais, contornando o mar, local escolhido pela sua belesa para residencias regias e numerosos conventos, muitos dos quais já desaparecidos.

Historia depois largamente a fundação do Mosteiro da Madre de Deus em 1500, por D. Leonor, viuva de D. João II, a fundadora das Misericordias, a Mulher que tão nobre exemplo legou á posteridade com a sua vida piedosa e culta.

O marido, na sua luta inexoravel contra a nobresa ambiciosa e turbulenta, não duvidara em fazer rolar no cadafalso a cabeça do Duque de Bragança, cunhado dela, e em apunhalar, por suas proprias mãos, o irmão dela, Duque de Vizeu. Seu filho unico, D. Afonso, morria desastrosamente, duma queda do cavallo, nas lezírias de Santarem.

A desditosa rainha, a quem se deve o ter sido Portugal uma das primeiras nações onde foi introduzida a imprensa, a protectora das artes e das letras e a dedicada amiga do nosso grande Gil Vicente, desabusada da vida voltara a sua atenção para os estabelecimentos pios, e com a fundação do Mosteiro da Madre de Deus, junto do qual fez construir uns Paços, preparava a sua propria clausura.

O primitivo convento, consagrado à ordem de S. Francisco, era uma edificação de proporções modestas, embora de grande valor artístico, como todas as que se faziam no reinado de D. Manuel.

Pela casa do capitulo, que era a primitiva igreja; recinto à esquerda que devia ser a antiga sacristia; e pela torre e pequeno claustro que lhe ficam anexos, se pôde avaliar da obra mandada executar por D. Leonor, aliás primorosamente reproduzida pelo admiravel quadro da procissão de Santa Auita, attribuido a Cristovão de Utrecht.

A igreja actual e o grande claustro em volta do qual se desenvolviam os Paços de Enxobregas, são obra de D. João III. A igreja, porém, e seus anexos, encontram-se muito modificados pelas obras que ali se fizeram, quer no tempo de D. João V, quer em seguida ao terramoto de 1755 que arruinou consideravelmente o edificio e ainda pelas que foram executadas a partir de 1871, data em foi creado o actual Asilo Maria Pia.

A fachada moderna da igreja que veio substituir a pesada e irregular fachada pombalina, provem destes ultimos trabalhos e foi inspirada no quadro referido, devendo notar-se que a magnifica porta principal — a da primitiva igreja que se encontrava entaipada havia séculos — foi descoberta por essa ocasião e transportada para a nova fachada.

Em seguida, o sr. Adães Bermudes acompanhado pelos socios da Academia dirigiu-se para o interior da igreja e ali chamou a atenção de todos para a riquissima obra de talha dourada, não só pela opulencia, mas pelo apurado bom gosto e effeito decorativo, salientando o merescimento do pulpito, os excellentes quadros e azulejos, a teia de ebano e mosaico florentino da capella mór.

Antes de se passar à chamada *sacristia pequena*, que é um maravilhoso conjunto de arte e de verdadeiras preciosidades, o sr. Adães Bermudes fez a historia sumaria da pintura em Portugal nos seculos XV e XVI, demonstrando que se alguns artistas estrangeiros residiram aqui ou se para cá mandaram as suas obras, também tivemos artistas nacionais do mais alto valor, cujos trabalhos se orgulhariam de possuir os primeiros museus estrangeiros. Não esquece neste momento o nome do grande pintor

português Nuno Gonçalves, cuja obra maravilhosa podemos já hoje admirar no Museu das Janelas Verdes, graças ao trabalho de restauração, extraordinário de merecimento, do ilustre artista Luciano Freire e ao patriótico esforço e saber do critico de arte sr. dr. José de Figueiredo.

A visita á sacristia teve de ser feita por grupos em vista da exiguidade do recinto. Os visitantes ficaram encantados com os quatro pequenos e preciosos quadros attribuidos a Cristovam de Utrecht representando a partida e chegada do corpo de Santa Auta e o casamento de D. João III.

Foi muito admirada tambem a magnifica collecção das pinturas de André Gonçalves representando a vida de José do Egito e a glorificação da Virgem; o riquissimo arco de pau santo e a soberba obra de talha dos painéis que o encimam.

Visitou-se depois a casa capitular, o claustro grande, de primorosa e correcta architectura, o claustro pequeno reconstruido recentemente na parte superior, onde por signal ha um chistoso capitel estilo manoefino adornado por uma bella locomotiva (!); o ante-côro onde o sr. Adães Bermudes falou dos presepios portuguezes e italianos executados, por vezes, por verdadeiros mestres da esculptura e finalmente foi visitado o côro da igreja, que é como está uma obra de subido valor quanto á riqueza decorativa e ás preciosidades que contem, como o magnifico tabernaculo, a obra de talha dos reliquarios, o retrato de D. João III, attribuido ao grande retratista Antonio Moro, e o curioso painel da cidade santa, oferecido pelo imperador Maximiliano á rainha D. Leonor.

RECTIFICAÇÃO

á conferencia sobre «O céu de Portugal», publicada nos n.ºs 4 e 5 dos «Anais», pagina 111:

	Onde está	Leia-se
Linha 3	tarde	cedo
"	atrás	avanzo
8	inverso	analogo

CURSO LIVRE DE CHIMICA ELEMENTAR ⁽¹⁾

Pelo professor sr. dr. Cardoso Pereira

Extracto da 2.^a lição, feita em 28 de janeiro de 1909

SUMARIO. — Lavoisier (1743-1794). — A mocidade. — M.^{me} Punctis. — O mestre de chimica: Reaume. — O casamento. — M.^{me} Lavoisier. — O processo, julgamento e execução de Lavoisier.

BIBLIOGRAFIA. — O trabalho mais completo que sobre a vida de Lavoisier se tem até hoje publicado e cuja leitura muita se recomenda é o seguinte: *Lavoisier d'après sa correspondance, ses manuscrits, ses papiers de famille et d'autres documents inédits*, par E. Gilmaux, membre de l'Institut, prof. à l'Institut Agronomique et à l'Ecole Polytechnique, agrégé à la Faculté de Médecine de Paris; 1 vol. in-8 raisin, avec 10 grav. en taille douce et en typographie, reproduits d'après des documents originaux; 4.^{ème} édition, 1899, Paris, Alcan, edit., 15 fr. — Uma outra obra, menos comprehensiva, mas também muito bem acabada, é a de Berthelot, *La révolution chimique, Lavoisier* (ouvrage suivi de notices et extraits de registres inédits du laboratoire de Lavoisier), 1890, Paris, mesmo editor, 6 fr. (Bibliothèque Scientifique Internationale). — Em 1903 publicou o prof. dr. I. Guareschi (de Turim) nos *Suppl. Ann. di Chimica*, vol. XIX, um excelente estudo (pag. 307 a pag. 464 do vol. citado) com o título: *Lavoisier—sua vida e sua obra*, Turim, Unione tipografica—editrice, nov. 1903. (Acha-se à venda em separado, pelo preço de 6 liras).

No programa deste curso, que a Ex.^{ma} Direcção desta Academia mandou imprimir e distribuir pelos seus socios, lêem-se as seguintes palavras: «Se o professor... não fizer simplesmente a exposição dos factos tais como os conhecemos hoje, mas também a historia da descoberta desses factos, a instrução será vivamen-

(1) Ver. pag. 149 e seg. d'estes *Anais*.

te, profundamente educativa. A historia das descobertas scientificas é, com effeito, a historia dos homens de *vontade*, de verdadeiros, de legitimos heroes que bem podiam ter sido estudados por Carlyle. Mas se o não foram, poderemos dizer como o estranho escritor inglés que *ao contempla-los, ainda que superficialmente, sempre coisa alguma por eles ganharemos.*»

Para satisfazer a esta parte do programma, que voluntariamente accitei e em cujo cumprimento porei todo o meu decidido efforço, prometi, no final da primeira lição deste curso, fazer a historia da descoberta chimica da agua. Mas para que dessa historia se tire todo o proveito, é necessario primeiro conhecer o seu autor. Como justamente observa Berthelot: *para bem comprehender um sabio é preciso conhecer a sua pessoa e o meio em que viveu.*

Não me preocupo com o pouco tempo que tenho para delinear o retrato desse homem que Dumas, outro grande chimico francez, classificou de *le plus complet, le plus grand homme que la France ait produit dans les sciences.* É tamanha a grandeza moral que irradia de toda esta nobre figura, que conseguivi, espero-o, fazer aproveitar aos meus ouvintes dos sentimentos de que falava Carlyle.

«Les origines de la famille de Lavoisier — escreve Berthelot — sont humbles et, comme on dirait aujourd'hui, démocratiques.» O primeiro antepassado conhecido de Lavoisier era um postilhão das cavalleiras do rei. Mas pouco a pouco, como geralmente acontecia nessa epoca, os ascendentes de Lavoisier elevaram-se até ás classes dominantes. No meado do seculo XVIII vivia em Paris um representante dessa familia, que casara em 14 de Junho de 1742 com M.^{lle} Emilia Punctis, filha tambem dum advogado. Um anno depois, pouco mais ou menos, a 26 de Agosto, nascia aquelle que iria immortalisar o nome de Lavoisier. Aos dois annos nasceu-lhe uma irmã e tinha apenas cinco, quando lhe morreu a mãe. O pae foi então morar para a casa da sogra, que, entulhada tambem pela morte recente do marido, vivia em companhia de uma outra filha, de 22 annos, M.^{lle} Constança Punctis. Esta fez tudo quanto pôde para minorar a enorme e irreparavel desgraça das duas creanças, filhos da sua irmã; ganhou-lhes uma afeição de mãe; ha todos os motivos para supôr que não casou,

só para se não eximir aos deveres que a si mesmo se tinha imposto.

A correspondência que mais tarde se trocava entre M.^{lle} Punctis e Lavoisier, quando já era um homem de 28 anos e que se acha actualmente arquivada no castelo de Canière, perto de Aigueperse, no departamento de Puy-de-Dôme, em poder dum descendente de M.^{me} Lavoisier, mostra bem que profunda afeição ligava estes dois seres e as puras virtudes de família que reinavam neste lar.

O pai de Lavoisier não era rico, mas a família Punctis era-o.

O pequeno Lavoisier foi por isso mandado para um collegio que era dos melhores de Paris, o collegio Mazarin, como externo. Por essa occasião morreu-lhe a irmã, tendo apenas 15 anos e desde então todas as afeições, todos os cuidados, todos os sonhos de futuro, se concentraram sobre a cabeça deste rapaz que pela sua sua meiguice, pela sua vivacidade de intelligencia e pelos seus repetidos successos de collegio davam um pouco de alegria áqueles tres entes que não viviam senão para elle.

Distorou-se em direito e estudou depois as sciencias sob a direcção de homens que deixaram nome na historia da sciencia; em primeiro logar com Guettard, sabio geologo, que parece ter despertado a verdadeira vocação de Lavoisier; astronomia com o abade La Caille; botanica com Bernardo Jussieu e chimica com Rouelle, grande professor e celebre pelas suas excentricidades.

Aos 21 anos começa a vida scientifica de Lavoisier por trabalhos de chimica que já eram dum mestre e que atraíram a attenção da Academia das Sciencias.

Quatro anos depois era nomeado socio da Academia e ao mesmo tempo entrava para a *ferme générale*, poderosa companhia financeira, creada por Colbert.

Nem os sabios, nem os financeiros gostaram. Mas os sabios que andam sempre com o estomago mais vazio que os dos financeiros, foram os primeiros a se consolarem: *Tant mieux!* dizia um deles, o geometra Fontaine — *Les diuers qu'il nous donnera seront meilleurs.* Os acontecimentos futuros demonstrariam que eram infundados os receios de uns e de outros.

Foi na *ferme* que Lavoisier travou relações com Paulze, rendeiro geral, financeiro honrado, habil, intelligente e instruido.

Paulze tinha uma filha de 14 anos e que não obstante estar ainda a educar num convento, já tinha um pretendente, aliás pouco recomendavel pelas qualidades pessoais, mas que era patrocinado pelo alto e poderoso Terray, *controlleur* geral e portanto superior hierarchico de Paulze.

Paulze soube resistir nobremente ás indicações de Terray e para se livrar de mais solicitações casou a filha com Lavoisier, cujas altas qualidades de caracter e de intelligencia ele conhecia de perto e cuja grande fortuna com certeza lhe não era desagradavel tambem . . . M.^{lle} Paulze tornou-se a digna esposa, a dedicada collaboradora de Lavoisier. Cinco annos depois, tinha ella, portanto, 19 annos, escrevia ao irmão: *Quando vens tu? O latim espera-te. Vem aborrecer-te um pouco e ensinares-me a declinar e a conjugar para me dar prazer e me tornar digna de meu marido e dos teus cuidados* . . . Desenhava e gravava. As plâncias do *Tratado de chimica* são de sua mão; pintava, sob a direcção do celebre David; acompanhava o marido ao laboratorio e ajudava-o nos seus trabalhos, escrevendo muitas vezes, ditado pelo marido, o resultado das experiencias. Os registos do laboratorio contem numerosas paginas escritas pelo seu punho. Morto o marido, publicou muitas das memorias dele, fazendo-as preceder dum prefacio que é bello e eloquente na sua simplicidade.

Moço, rico, junto duma mulhier que adorava e de quem era adorado, começa então na vida de Lavoisier a epoca das grandes descobertas.

Não me proponho, nem me poderia propor, a estudar nesta lição os trabalhos do grande chimico. Seria atraiçoar mesmo o espirito do ensino deste curso. Fa-lo-ei, sim, devotamente e *objectivamente* quando numa das proximas lições fizer a historia da descoberta da composição da agua; quando a proposito do oxigenio estudar a combustão, quando me occupar da composição chimica do ar, etc. Hoje, que já se passou mais dum seculo sobre a sua morte, o nome de Lavoisier domina ainda de tal forma toda a chimica geral que difficil seria não o mencionar repetidas vezes nestas lições.

Não obstante as suas multipdas occupações, Lavoisier achava meio de dedicar 6 horas por dia exclusivamente á sciencia; de manhã das 6 ás 9 e á noite, das 7 ás 10. Um dia por semana era

inteiramente dedicado às experiencias. *Era um dia de prazer*, dizia mais tarde M.^{me} Lavoisier numa biografia ineslita de seu marido. Era no seu laboratorio — *teatro de experiencias seguidas pelo mundo inteiro*, na frase do celebre agronomo inglês Artur Joung — que era preciso ver este homem tão admiravel pelas qualidades do seu espirito, como pela altura dos seus principios de moral. Estava sempre animado dum profundo amor pela humanidade, duma generosa piedade pelos fracos.

A sua generosidade era larga; auxiliava jovens sem meios de fortuna, relacionava-os no seu laboratorio com os sabios da epoca. A sua enorme fortuna permitia-lhe até fazer emprestimos às cidades de Blois e Romorantin de dezenas de milhares de libras sem auferir lucros desses emprestimos. A sua modestia era sincera e grande. Toda a sua vida era inteiramente occupada pelo trabalho.

Nem uma unica vez o nome dele é mencionado nas cronicas escandalosas do tempo. As memorias secretas, as correspondencias e as gazetas, tão ricas em factos sobre os homens da finança, não falam, nem de Lavoisier, nem de Paulze.

Diz algures o filosofo Schopenhauer: *Tem alguma qualidade eminente que te distinga superiormente dos teus semelhantes? Esconde-a, esconde-a cuidadosamente se queres viver em paz.*

Bem difficil seria a Lavoisier gosar a paz de que fala o filosofo, tendo não uma, mas muitas qualidades eminentes que o distinguíam. Era questão de occasião. Essa appareceu quando rebentou a revolução franceza. Então de tudo se serviu a inveja disfarçada, a cobardia e a infamia dos homens para derrubarem o colosso. Preso em 28 de novembro de 1793, depois de ter soffrido as maiores humilhações pela guerra que lhe faziam a Academia de que era então director, não teve, de entre os seus colegas de valimento politico, Morveau, Monge, Laplace, Fourcroy, etc., um unico que intercedesse por ele. Em 7 de maio de 1794 era transferido para a *Conciergerie*, no dia seguinte submetido ao julgamento do tribunal revolucionario — que é como quem diz condemnado de ante-mão á morte — e no mesmo dia guillotinado.

Triste, miseravel destino o do homem! E só pela paixão, pela fé, que o homem consegue deslindar-se das faixas da animalidade e no entanto é precisamente pela fé e pela paixão que o homem se degrada até aos instinctos das bestas feras. Os homens

que levaram Lavoisier ao suplicio cumpriram gloriosamente a tarefa que o destino lhes tinha marcado na vida. Mas argamassaram as pedras do novo edificio com sangue humano e, o que é peor, com sangue de inocentes. Cometeram crimes sem nome e sem numero, sem que nenhum deles podesse repetir as palavras que Schiller põe na boca de Guilherme Tell para justificar a morte de Gessler: *Ich habe mein Teuerstes verteidigt!* E de entre esses crimes não foi um dos menores o do assassinio de Lavoisier. Mas o que o cutello do carrasco não foi capaz de destruir foi a obra do grande chimico. Essa é imortal. Como justamente diz Berthelot: *Nenhuma ha maior na historia da civilização e é por isso que o nome de Lavoisier viverá na memoria da humanidade.*

A educação deve formar homens livres. Se quereis educar os vossos filhos para a liberdade, educae-os simplesmente, não recendo sobretudo prejudicar assim a sua felicidade. Pelo contrario. Quanto mais brinquedos, mais festas e mais prazeres ruos tiver uma creança, menos ella se divertirá. Ha nisto uma indicação segura. Sejamos sobrios nos meios de alegrar e divertir a gente moça e sobretudo não creemos leviamente necessidades facticias. Alimentação, vestuario, alojamento, distração, que tudo isto seja natural e tão pouco complicado quanto possível. Para proporcionarem aos filhos uma vida agradável, alguns pais dão-lhes habitos de gulodice e de preguiça, fazem-lhes experimentar excitações incompatíveis com a sua idade, multiplicam os convites e os espetaculos. Tristes presentes! Em lugar dum homem livre educaes um escravo. . . Eduquemos pois os nossos filhos simplesmente, is quasi a dizer duramente: habituemo-los aos exercicios fortificantes, e até ás privações. Que eles sejam desses que estão mais preparados para dormirem na terra dura e para suportarem fadigas, do que para saborear os prazeres da mesa e o conforto dum leito. Assim faremos deles homens independentes e solidos, com os os quaes se poderá contar, que não se venderão por um pouco de bem estar, e contudo terão, mais que ninguém, a faculdade de serem felizes...

(De A Vida Simples)

C. WAGNER

BIBLIOGRAFIA

A vida simples — C. Wagner. — Tradução portuguesa de Eugénio de Castro. — 1913.

Mão amiga, de quem quiz conservar o anonimo apesar de conhecer a alegria que a leitura nos devia produzir, enviei á Academia de Estudos Livres este livro util e interessantissimo. Faz hoje parte da nossa biblioteca. Desejariamos que fosse lido com attenção pelos nossos alunos, de preferencia a obras menos recomendaveis para a sua educação moral.

A *Vida Simplex* advoga o principio de que a felicidade está na singeleza, de preferencia á complicação. E prova-o:

«Em casa dos Blanchard vae uma grande barafunda, e na verdade ha razão para isso. Basta dizer que M.^{lle} Ivonne casa na terça-feira e que já hoje é sexta!

«Interminavel é o desfilar das visitas carregadas de presentes e dos fornecedores ajoitados com as encomendas. Os creados andam que não podem piar. Quanto aos paes e aos noivos, nem vivem, nem já têm domicilio conhecido. De dia, vão ás costureiras, ás modistas, aos estofadores, ás lojas de moveis, aos ourives ou á nova residencia agora occupada pelos pintores e pelos marceneiros... Depois disto mal chega o tempo para uma pessoa chegar a casa e arranjar-se para os jantares de cerimonia: jantares de ajuste de casamento, jantares de apresentação, jantares das escrituras, *soirées* e bailes. Por volta da meia noite, recolhendo estropiadas, vão encontrar em casa novas encomendas e uma correspondencia desemfreada... E sobre isto as dificuldades da ultima hora: um luto imprevisto que desorganisa o cortejo, uma maldita constipação que impede certa actriz celebre, amiga da familia, de cantar ao órgão, etc... Pobres Blanchard! não arranjam modo de pôr tudo em ordem...

«Ha já um longo mez que é esta a sua existencia. Mal podem

respirar, não encontram uma hora de recolhimento, não conseguem trocar duas palavras tranquilas. *Não, isto não é viver...*

«O que vale felizmente, é o quarto da avó. A avó está quasi nos oitenta. Tendo sofrido muito e trabalhado muito, encara as coisas com essa calma segurança que da vida colhem os que possuem, com uma intelligencia elevada, um coração amante. Quasi sempre sentada na sua cadeira de braços, adora o silencio das longas horas meditativas. Assim, a tempestuosa azafama que perturba a casa, respeitosa e se deteve deante da sua porta... E quando os noivos querem abrigar-se um instante, é para o quarto da avó que eles fogem.

«— Meus pobres filhos! lhes diz ella então, como andaes enervados! Descançae um pouco, tratae um do outro. Isso é que é o principal. O resto pouco é, e não tem meritos para vos absorver.

«Os noivos sentem que assim é... Sofrem a fatalidade, que neste momento decisivo da sua vida afasta constantemente os seus espiritos da unica cousa essencial, para os impelir por entre a multidão das preocupações secundarias. E abertamente aprovam a opinião da avó:

«— Decididamente, meus filhos, o mundo está a complicar-se demais, e tudo isso não torna a gente feliz... pelo contrario!...»

De facto, a nossa preocupação de hoje é complicar a vida. Abandonámos os hábitos simples, os pensamentos, as palavras, os deveres, as necessidades, os prazeres simples e, nem por isso, alcançámos mais felicidades.

Não sabemos porquê mas acode-nos a lembrança aquelle livro adoravel de Eça de Queiroz *As cidades e as serras*, o ultimo que o grande escritor escreveu e o mais grato para o nosso coração de portuguez. Tambem lá vemos o protagonista, o *Jacinto*, gozando no centro civilisado que é Paris, de todos os regalos do conforto, inventados pela sciencia. Apesar de tudo, no meio de tantos primores da civilisação, *Jacinto* não se sente feliz, porque é o escravo da vida complicada que criou. Um dia recuperando a liberdade pelo contato com a *vida simples* do campo, onde se desconhecem as complicações, onde se vive modestamente, singelamente, *Jacinto* será o *homem completo*, realisará o supremo *diseratum* de possuir a perfeita felicidade.

A aproximação destes dois grandes livros não nos parece vã. Um e outro completam-se e procuram realizar a obra da verdadeira educação que será aquela que ao homem dê a felicidade de viver.

Vê-se quanto a *Vida Simples* pôde concorrer para a educação dos nossos escolares. Oxalá este trabalho fosse vulgarizado no nosso meio para produzir o efeito desejado.

Na America do Norte, o presidente Roosevelt leu-o e escreveu ao auctor: *Prego os vossos livros aos meus compatriotas*. Em dois discursos publicos, um em Bangor outro em Philadelphia, recomendou-o calorosamente. Por ultimo convidou o autor a ir à America e a 22 de novembro de 1904, no grande teatro de Lafayette-Square em Washington, ele proprio o apresentou ao publico abrindo o seu discurso com estas palavras:

E' esta a primeira e será tambem a unica vez, que durante a minha Presidencia apresento um orador a um auditorio. E sinto-me felicissimo de o fazer nesta occasião, porque se ha um livro que eu deseje ver ler como um tratado, e um tratado interessante, por todo o nosso povo, é a Vida Simples, escrita por M. Wagner. Ha outros livros seus de que podemos tirar grande proveito Mas que eu saiba, nenhuma obra ha escrita nestes ultimos anos, aqui ou no estrangeiro, que conteha tantas coisas que nós outros, filhas da America, devamos tomar a peito, como a Vida Simples.

Vigiar, dirigir, resistir, tal é a função do educador: deve ele apparecer à creança não como uma barreira de fantasia que rigorosamente se poderia saltar, contanto que o salto fuisse proporcionado com a altura do obstaculo, mas como uma parede transparente atravez da qual se descobrem realidades imutaveis, leis, limites, verdades, contra as quaes nenhuma acção é possível. Assim nasce o respeito que em cada individuo consiste na faculdade de conceber o que é mais que ele mesmo, o respeito que nos engrandeca e liberta, tornando-nos modestos. Eis a lei da educação pela simplicidade. Pôde ela resumir-se nestas palavras: formar homens livres e respeitosos, homens que sejam o que são, homens fraternaes.

(De *A Vida Simples*)

C. WAGNER

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Resultado dos exames realises nas Escolas Officiaes no presente ano lectivo

Aulas diurnas (Escola Marquês de Pombal)

1.^o grau

Elvira da Conceição Alves Lima.....	Ótimo
João Joaquim da Silva Taxares.....	Bem
Adolfo Faria de Castro.....	"
Alvaro Gomes Areal.....	"
Hda Marques.....	Suficiente
Amandio Robalo.....	"
Raul Alves.....	Bem
Bernardino Saruiva.....	"
Maria dos Santos.....	"
Leudile Cabrita.....	Suficiente
Augusto Revés.....	"

2.^o grau

Guilhermina Pereira.....	Aprovado
Leonilde da Costa Rosario.....	"
Jaime Alberto Junior.....	Ótimo

Aulas noturnas

1.^o grau

Lúcio Barão Cahier.....	Ótimo
Maria Helena Amarel Fortes.....	"
Maria Manoela Amarel Fortes.....	"
Antonio Alexandre.....	"
Joaquim do Sacramento.....	"
Eduardo Cardoso.....	Bem
José de Medeiros.....	"
Alberio Ferreira Gomes.....	"
Antonio Ferreira.....	"
João Carlos Xavier.....	Suficiente
João Laurenceo.....	"
José Pereira da Rocha.....	"
José Martins.....	"
Artur Simões.....	"

Aulas nocturnas

2.º grau

Lucie Baron Cabrier	Ótimo
Alfredo Reis Torgal	»
Antonio Alexandre	»
Antonio Francisco Andriano	»
Eduardo Cardoso	»
José de Medeiros	»
José dos Reis	Aprovado
José de Lemos e Silva	»
Basilio Nunes da Costa	»
Alberto Artur Mendes	»
Raul de Brito	»
Abel Serra	»
Manoel Antonio Pereira da Silva	»
Francisco Oliveira Tavares	»
Joaquim Pires Mendes	»
Joaquim Ferreira dos Santos	»
Celestino Nunes de Carvalho	»
Alberto Ferreira Gomes	»
Ida Vitorino Belo	»
José Martins	»

Francês

Sinfiriano Lloyd	Aprovado
------------------------	----------

Português

Sinfiriano Lloyd	Aprovado
------------------------	----------

Rudimentos de musica

Laura Carolina da Costa Pires	17 valores
Ullis da Costa Knotz	16 »
Carlos Gonçalves da Silva	15 »
Olga de Macedo	13 »

Curso geral de piano

Julietta de Almeida Nogueira	14 valores
------------------------------------	------------